

O SININHO

Jujubinha

O sininho tocava e eu já sabia que era a hora de ir até ele. Eu sabia que aquele era o momento que ele precisava de mim, e que meu único dever era ir até lá e deixá-lo feliz. Tudo acontecia muito rápido; pele com pele de uma forma bruta, sentia seus lábios quentes passando por todo o meu corpo. A forma como ele se debruçava sobre mim e me olhava era quase como um leão olhando para a sua presa, prestes a devorá-la.

“Trrrim-trrrim”, eu ouvia e ia até ele.

“Trrrim-trrrim”, novamente, eu ouvia ia até ele.

Eu passava o dia inteiro esperando o som do sininho tocar novamente, para então ele arrancar a minha roupa. De novo, pele com pele, lábios quentes, olhar de leão.

Eu já havia me acostumado com o barulho que tilintava nos meus ouvidos ao ouvi-lo tocar o sininho. Após tanto tempo em negação, eu comecei a parar de resistir e simplesmente pensava:

— Tudo bem, isso dura apenas alguns minutos e depois tudo volta ao normal.

Levava o horário do sininho como um trabalho que deveria ser executado, sem direito a reclamação. Afinal, o que havia de tão ruim naquilo? Era rápido, não exigia muito de meu esforço, e eu conseguia sentir que ele me queria por perto, mesmo que fosse por apenas alguns minutos.

Nossa casa não era tão grande, havia o quarto dele, a cozinha, banheiro e o sótão que eu dormia. Eu tentava manter tudo organizado e limpo, ele não gostava da sensação de sufocamento que um lugar pequeno e sujo podiam trazer.

Um dia, acordei cedo como de costume para limpar a cozinha, tomei o leite puro que estava em uma chaleira em cima do fogão, lavei a louça e fui seca-la. Há alguns dias, comecei a sentir meu corpo inteiro queimar por dentro, mas hoje estava pior! Vomitei todo o leite que havia bebido, quando ele de repente chega na cozinha e começa a gritar.

— Você está louca? Sujou toda a droga do meu chão, desgraçada! Você vai limpar toda essa merda agora.

Ele segura meus cabelos com força e esfrega meu rosto em cima do vômito de leite puro. Por conta do enjoo, acabo vomitando mais e mais, enquanto tento pedir pra ele parar. O cheiro invade meu nariz e impregna todo o meu corpo. Quanto mais eu vomitava, com mais força e mais raiva ele me segurava. Sabia que ele não ia parar até eu engolir toda a minha vontade de jogar aquele leite pra fora, e foi isso que eu fiz. Segurei o vômito o máximo que eu pude, e ele parou.

Quando eu fazia algo que não o agradava, ele me punia para que eu não fizesse novamente. Eu sei que tudo que ele queria era manter as coisas em ordem, eu tentava me convencer de que ele não fazia por maldade, e que eu realmente dava motivos para ele me punir. Vomitar no chão da cozinha? Realmente, não tinha cabimento isso, eu poderia ter segurado um pouquinho e ter ido até o banheiro. Mas naquele dia eu estava sem forças, meu corpo inteiro estava vibrando por dentro, não sabia o que estava acontecendo, mas estava com medo do que ele ia fazer comigo.

Então, ele me agarrou pelo braço e me levou até o banheiro. Ele ligou o chuveiro e colocou no modo mais quente possível, como estávamos no inverno, não demorou muito para que a água esquentasse. Ele me jogou embaixo do chuveiro com roupa e tudo; a fumaça subia, e a minha pele queimava naquela água que estava pelando. Eu chorava e implorava pra ele me deixar sair, mas a única coisa que ele fez foi arrancar toda a minha roupa e me segurar pelo pescoço enquanto batia minha cabeça contra a parede. O meu corpo queimava na água, o sangue escorria pelas minhas costas e a fumaça embaçava a minha vista, até tudo ficar escuro de vez.

Abri os olhos lentamente, até a minha visão voltar ao normal. Olhei ao redor, eu estava no chão da cozinha, ainda nua; do meu lado, havia um balde, um rodo e um pano para limpar o resto de mim que ainda estava espalhado pelo chão. Meu corpo estava fraco, minha pele estava vermelha com algumas queimaduras por conta da água. Eu sentia minha cabeça doer nos cortes feitos pela parede do banheiro. Assim que levantei a mão para sentir se ainda havia sangue, notei na hora! Ele tinha raspado meu cabelo. Ele me deixará sem roupa, sem cabelo e sem alma.

Vesti roupas limpas, limpei a cozinha, aproveitei que ele saiu para trabalhar e decidi ir até a farmácia comprar algum remédio. Coloquei um lenço sobre a cabeça, para ninguém ver os cortes que tinham se formado na parte de trás, um cachecol e uma blusa de manga longa para cobrir as marcas roxas do meu pescoço e as marcas de queimadura na minha pele. Chegando lá, a farmacêutica começou a me fazer algumas perguntas para descobrir o que eu estava sentindo.

— Bom dia! Como posso ajudar a senhora? O que está sentindo?

— Bom dia! Estou sentindo muita dor de cabeça, uma sensação que é como se meu corpo inteiro estivesse queimando por dentro, e bastante enjoo.

— A senhora chegou a vomitar em algum momento?

Pensei no que havia acontecido mais cedo, eu vomitando no meu próprio rosto...

— Sim, vomitei hoje de manhã.

— A senhora está sentindo isso a quanto tempo?

— Não sei ao certo...mas já faz algumas semanas.

— A senhora faz uso de algum método anticoncepcional?

Eu entrei em choque, não sabia o que responder. Só de pensar nas próximas palavras que ela ia falar, já sentia vontade de vomitar novamente. Ele iria me matar!

— Olha senhora, algumas vezes não planejamos algumas coisas e elas acabam acontecendo mesmo assim. Eu não posso te recomendar nenhum medicamento sem antes descartar essa possibilidade.

Ela se vira, pega um teste de gravidez e põe em cima do balcão. Eu continuo em silêncio. Pago pelo teste, vou até o banheiro da farmácia e resolvo usá-lo ali mesmo. Cada segundo que passa parece que dura uma eternidade.

Volto para casa, e ele chega logo em seguida. Ele me segura pelo braço, me da um beijo molhado no pescoço, e diz o que eu mais temia:

— Hoje você me deu muito trabalho, sabia? Nem consegui tocar o sininho pra minha cadela vim correndo até mim. Tá na hora de terminar o que eu comecei mais cedo e de você tentar fazer alguma coisa que preste.

Ele me vira de costas, me encostando na pia da cozinha e começa a tirar minha roupa, segura meu pescoço com força e me leva até seu quarto. Eu começo a chorar e implorar para ele parar.

— Por favor, para! Por favor, eu estou te implorando.

Ele ignora e me joga na cama. Bate na minha cara, pega a vela quente que fica na cabeceira, abre minha boca e começa a pinga-la dentro de mim. Eu choro e tento empurrá-lo, mas nada adianta. Ele pinga a vela por todo o meu corpo, e eu já nem tenho mais forças para gritar. De novo, pele com pele, lábios quentes, olhar de leão.

Naquele momento, eu percebi que já não tinha mais jeito, minha alma já não estava mais ali. Ele termina seu trabalho e adormece do meu lado. Eu preciso fazer isso, é agora ou nunca, vai ser eu ou ele!

Olho o sininho que está do meu lado da cabeceira. Por mais que ele tenha o apelidado de sininho, ele era grande e pesado o suficiente para que eu só conseguisse aguentá-lo segurando com as duas mãos. Ele foi tocado tantas vezes que até estava perdendo a cor original. A cada “trrim-trrim”, era um abuso diferente e um medo do que estava por vir. Eu não podia mais deixar que aquilo acontecesse.

Minha sorte é que o sono dele era pesado, então eu consigo me mexer e pegar o sininho. Tudo que passava na minha cabeça eram todas as vezes que eu implorava para ele parar, enquanto ele tocava aquele maldito sininho. É isso, não tem mais volta. Com o resto de força que me sobra, eu subo em cima dele lentamente. Dessa vez, era a minha pele em cima da dele, os lábios quentes eram da minha própria respiração, e o olhar de leão era meu.

Eu ergo o sininho com as duas mãos e o enterro contra a sua cabeça no travesseiro, e continuo de novo, de novo e de novo. A cada “Trrrim-trrim, trrim-trrim” que tocava na minha cabeça, eu batia cada vez mais forte, de novo e de novo. O sangue se espalha por toda a cama, os restos de sua pele, sua cabeça esfarelada por todo o colchão. Peguei o resto da vela e pinguei o óleo quente em cima dos pedaços de carne que restaram. Eu começo a chorar sem parar, porque pela primeira vez, eu estou no controle de tudo. Agora, o sininho vai ser só mais um brinquedinho que faz barulho para o meu filho.

